

boletim EMPREGO em pauta

Número 9 – Agosto 2018

DIEESE

Escolaridade garante ocupação, mas não melhores empregos

Entre 2014 e 2017, com a crise, o número de ocupados no Brasil caiu de 92,4 para 91,4 milhões (-1 milhão). No entanto, o movimento não afetou a todos os trabalhadores: quem perdeu postos de trabalho foram aqueles que têm escolaridade mais baixa. A ocupação cresceu para quem tem mais anos de estudo (Tabela 1).

O total de ocupados com até o fundamental completo diminuiu 4,8 milhões. Na contramão, o número de ocupados com ensino superior completo aumentou quase 2,2 milhões e o dos que tinham ensino médio incompleto ou completo, pouco mais de 1,5 milhão.

TABELA 1
Total de ocupados, segundo grau de instrução
Brasil - 2014 e 2017

Grau de instrução	2014	2017	Diferença
Sem instrução e menos de 1 ano de estudo	4.751.868	3.655.707	-1.096.161
Fundamental incompleto ou equivalente	23.712.475	21.624.705	-2.087.770
Fundamental completo ou equivalente	9.865.652	8.059.159	-1.806.493
Médio incompleto ou equivalente	5.846.767	6.142.939	296.172
Médio completo ou equivalente	28.539.745	29.804.044	1.264.299
Superior incompleto ou equivalente	4.931.762	5.210.239	278.477
Superior completo	14.794.157	16.952.438	2.158.281
Total	92.442.426	91.449.229	-993.197

Fonte: IBGE. Pnad Contínua Anual, microdados. Elaboração: DIEESE

Apesar de a escolaridade facilitar o acesso ao mercado de trabalho em momento de crise, só uma pequena parte dos 2,2 milhões de ocupados com nível superior completo que conseguiu trabalho durante a crise conquistou uma ocupação “típica”, como profissional liberal ou em cargos de maior complexidade relacionados à gestão e direção. Apenas 132 mil se inseriram como diretores e gerentes e 678 mil como profissionais das ciências e intelectuais, enquanto 1,3 milhão se ocuparam em funções mais rotineiras, administrativas e com exigências de conhecimento técnico/médio. O número de trabalhadores com essa escolaridade nessas ocupações “não típicas” passou de 5,0 milhões, em 2014, para 6,2 milhões, em 2017 (Tabela 2).

Os números ilustram o grau da deterioração produtiva e do mercado de trabalho brasileiro: aumento da escolaridade dos ocupados, sem melhora da renda e com menor participação em ocupações de maior especialização. Na crise, como há mais trabalhadores disponíveis, sem alternativa de emprego, muitos empregadores “aproveitam” para contratar pessoal mais qualificado para postos e funções que não exigem escolaridade mais alta.

TABELA 2
Ocupados com superior completo, segundo grande grupo ocupacional
Brasil - 2014 e 2017

Ocupação	2014	2017	Diferença
Diretores e gerentes	1.963.080	2.094.624	131.544
Profissionais das ciências e intelectuais	7.665.505	8.343.766	678.261
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	198.710	289.990	91.280
Demais ocupações	4.966.863	6.224.058	1.257.196
TOTAL	14.794.157	16.952.438	2.158.281

Fonte: IBGE. Pnad Contínua Anual, microdados. Elaboração: DIEESE

O número de pessoas com ensino superior mais do que dobrou em algumas das ocupações “não típicas” para essa escolaridade. Entre os vendedores em domicílio, por exemplo, os ocupados com ensino superior aumentaram 187%, passando de 49,2 mil para 141,2 mil, entre 2014 a 2017 (Tabela 3), crescimento de 92 mil. Nesse período, a proporção de trabalhadores com ensino superior completo nessa ocupação passou de 6,6% (2014) para 10,0% (2017).

A quantidade de condutores de automóveis/taxis/caminhonetes com superior completo também cresceu bastante entre 2014 e 2017: foi de 47 mil para mais de 105 mil (aumento de 125%) no período.

Entre os profissionais de enfermagem cuja exigência é o nível médio, aqueles com escolaridade superior representavam pouco menos de 10%, em 2014, e passaram para 13%, em 2017, ampliação de quase 61 mil pessoas.

Também cresceu muito o número de trabalhadores com ensino superior nos serviços de limpeza de edifícios/escritórios/hotéis: 117% (35 mil pessoas a mais).

Importante frisar que, quando aumenta o número de pessoas com ensino superior em funções que não demandam essa escolaridade, uma parcela mais vulnerável que ocupava esses postos é expulsa do mercado de trabalho.

TABELA 3
Total de ocupados e ocupados com ensino superior completo nas ocupações “não típicas”
para essa escolaridade, segundo ocupações selecionadas
Brasil - 2014 e 2017

Ocupações	Total dos ocupados 2017	Ocupados com ensino superior completo 2017	Diferença ensino superior 2017-2014	Varição 2017/2014
Escriturários gerais	3.151.894	947.971	125.682	15,3%
Vendedores a domicilio	1.423.287	141.161	91.911	186,6%
Secretários executivos e administrativos	438.075	185.295	79.044	74,4%
Comerciantes de lojas	2.903.797	347.303	71.570	26,0%
Balconistas e vendedores de lojas	3.935.729	324.632	66.199	25,6%
Instrutores de educação física e atividades recreativas	203.172	136.805	61.970	82,8%
Profissionais de nível médio de enfermagem	926.358	120.085	60.659	102,1%
Condutores de automóveis, taxis e caminhonetes	1.508.755	105.504	58.549	124,7%
Profissionais de nível médio do direito e serviços legais e afins	408.195	215.711	54.391	33,7%
Cozinheiros	1.479.843	83.433	48.010	135,5%
Secretários (geral)	587.166	156.700	43.205	38,1%
Trabalhadores de limpeza de interior de edifícios, escritórios, hotéis e outros estabelecimentos	2.410.565	65.391	35.264	117,1%
Ocupações restantes do grupo	57.176.349	3.391.911	556.153	19,6%
TOTAL	76.553.184	6.221.901	1.257.196	15,3%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua Anual, microdados. Elaboração: DIEESE

Os rendimentos médios dos ocupados com ensino superior, que ingressaram nesses postos de trabalho entre 2014 e 2017, sofreram o impacto dessa distorção da força de trabalho. Apesar de receber os maiores rendimentos médios, os ocupados com alta escolaridade foram os que tiveram a maior perda real entre os anos analisados - mais do que o dobro da média do mercado de trabalho brasileiro.

Tabela 4
Rendimento médio real do trabalho principal, segundo grau de instrução
Brasil - 2014 e 2017

Grau de instrução	2014	2017	Varição
Sem instrução, fundamental incompleto ou equivalente	1.197,26	1.127,91	-5,8%
Fundamental completo ou equivalente	1.441,85	1.328,44	-7,9%
Médio completo ou equivalente	1.886,20	1.708,78	-9,4%
Superior completo	5.092,20	4.597,72	-9,7%
TOTAL Ocupados	2.132,32	2.039,12	-4,4%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua Anual, microdados. Elaboração: DIEESE

Por posição na ocupação, como mostra a Tabela 5, daqueles com ensino superior que conseguiram trabalho em ocupações “típicas” (810 mil pessoas), apenas 172 mil tiveram a carteira de trabalho assinada, enquanto 331 mil se inseriram como conta própria e 145 mil como assalariados sem carteira, reforçando o cenário geral de precarização das relações de trabalho (Tabela 5).

Tabela 5
Distribuição do saldo de ocupados com ensino superior completo por posição na ocupação
Brasil - 2014 e 2017

Posição na ocupação	TOTAL	"Típicas"	Demais	Forças armadas, policiais e bombeiros
Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada	588.277	171.676	416.600	0
Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada	229.180	145.314	83.866	0
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	33.429	0	33.429	0
Empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada	143.819	116.915	26.905	0
Militar e servidor estatutário	262.577	-32.485	203.782	91.280
Empregador	181.382	105.720	75.662	0
Conta-própria	699.089	330.738	368.351	0
Demais	20.527	-28.073	48.599	0
TOTAL	2.158.281	809.805	1.257.196	91.280

Fonte: IBGE. Pnad Contínua Anual, microdados. Elaboração: DIEESE

Do total de 2,2 milhões de trabalhadores com ensino superior completo que conseguiram ocupação entre 2014 e 2017, mais de 62% (1,3 milhão) se inseriram em trabalhos que não demandam essa escolaridade. Dos 810 mil inseridos em ocupações “típicas”, a menor parte alcançou um vínculo formalizado.